

Ato do Citibank gera polêmica

A decisão do Citibank, de aumentar suas reservas em US\$ 3 bilhões para precaver-se contra perdas na sua carteira de empréstimos internacionais feitos a grandes devedores, como a Argentina, o Brasil e o México, tem duas interpretações na área econômica, uma considerada pessimista e outra otimista.

Na visão pessimista, que muitos técnicos familiarizados com as negociações externas chamam de realista, com a medida o principal credor sugeriu o cacife para endurecer durante as próximas negociações, exigindo, por exemplo, que, além de um programa econômico consistente e confiável, o governo brasileiro submeta a economia ao monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI).

A leitura otimista adverte que a provisão dos US\$ 3 bilhões para cobrir eventuais prejuízos abre espaço para o Citibank negociar com o governo brasileiro a conversão de créditos financeiros em capital de risco, um dos pontos basilares da proposta de renegociação do ministro da Fazenda, Bresser Pereira.

Os defensores da visão otimista lem-

bram dois fatos: primeiro, se fosse intenção do Citibank confrontar com o governo, simplesmente teria fechado as linhas de crédito de curto prazo, comerciais e interbancárias, assumindo as consequências do congelamento do seu valor à conta do Banco Central, no exterior, sem render juros.

Segundo tanto o presidente John Reed, como o representante do Citibank no Brasil fizeram chegar às autoridades brasileiras, de forma explícita, a manifestação de que a medida adotada não pode ser entendida como uma confrontação e que o banco continua receptivo a uma negociação, quando o governo brasileiro desejar.

Na visão dos técnicos familiarizados com as negociações externas, nem mesmo junto aos demais bancos americanos credores do Brasil a decisão do Citibank terá maior repercussão. A razão é que esses bancos, inclusive os de grande porte, como o Manufactures Hanover e o Bank of America, não têm condições de fazer uma provisão na forma realizada pelo Citi.